



**A relação entre as práticas inadequadas na  
praxe académica e o autocontrolo**

Andreia Patrícia Oliveira Freitas

UMinho | 2021



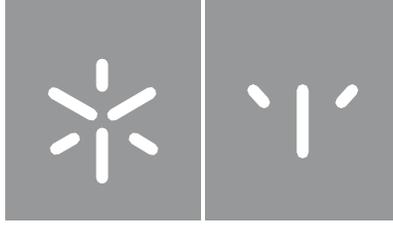
Universidade do Minho  
Escola de Psicologia

Andreia Patrícia Oliveira Freitas

**A relação entre as práticas inadequadas  
na praxe académica e o autocontrolo**

junho de 2021





Universidade do Minho  
Escola de Psicologia

Andreia Patrícia Oliveira Freitas

**A relação entre as práticas inadequadas na  
praxe académica e o autocontrolo**

Dissertação de Mestrado  
Mestrado Integrado em  
Psicologia

Trabalho efetuado sob a orientação do

**Doutor Pedro Pechorro**

E coorientação do

**Professor Doutor Rui Abrunhosa**

## **DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS**

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



**Atribuição-NãoComercial-SemDerivações**  
**CC BY-NC-ND**

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## **Agradecimentos**

Chegada a etapa final, é tempo de agradecer. Primeiramente, agradecer ao meu orientador Doutor Pedro Pechorro pela disponibilidade que sempre demonstrou para reunir comigo e me esclarecer as mais variadas dúvidas, pela partilha do vasto conhecimento que possui nas diversas áreas e pela prontidão com que se dedicou ao meu trabalho nesta fase final.

Agradeço também ao Professor Doutor Rui Abrunhosa por ter sempre uma palavra meiga ao longo deste percurso, mesmo quando o trabalho não estava completo, e aos restantes colegas da Unidade de Investigação de Ofensores e Sistema de Justiça, pela partilha da experiência e pelo suporte; em especial, à Bea, que me acompanha há mais tempo e leva com todos os meus devaneios.

Agradeço a todos os participantes deste estudo, que foram muitos, pois sem eles este trabalho não seria possível.

Às colegas de turma que me acompanham desde o início do curso, que se tornaram amigas, pelo convívio, pela companhia, pelos trabalhos em conjunto, pelos desabafos, pelos momentos que vivemos ao longo destes cinco anos. Levo-vos para a vida.

Aos meus amigos que me acompanham sempre, por me permitirem libertar da vida académica ao fim de semana, por me darem os melhores momentos de convívio há anos, mesmo quando estou insuportável. Pelos melhores jantares e passeios, por acreditarem sempre em mim e por nunca me deixarem cair. Rir à gargalhada convosco é das melhores coisas da vida, que seja sempre assim.

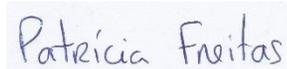
Aos meus pais, por me darem asas para voar e me permitirem concretizar, sem o vosso esforço não era, de todo, possível. Agradeço-vos por nunca me pressionarem a dar mais do que posso, por me permitirem sempre fazer as coisas à minha maneira, sem questionar. Às minhas irmãs, por serem os sorrisos mais fáceis deste mundo: à Filipa por me ajudar sempre que preciso e à Vitória por, sem saber, me fazer feliz com o seu jeito louco.

Por fim, não menos importante, agradecer ao meu Pedro, por ser o meu parceiro para tudo, por alinhar nas minhas loucuras, por acreditar em mim e me mostrar que sou capaz. Por ser um exemplo de dedicação, por me lembrar que é importante gostar-se daquilo que se faz. És um orgulho e sou muito grata por te ter na minha vida.

## **DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE**

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

A rectangular box containing a handwritten signature in blue ink that reads "Patrícia Freitas".

(Patrícia Freitas)

## **A relação entre as práticas inadequadas na praxe académica e o autocontrolo**

### **Resumo**

A literatura mostra que a praxe académica tem vindo a ser alvo de práticas pouco adequadas, como abusos, humilhações, intimidações, entre outras. O presente estudo procura criar e validar um questionário com o intuito de conhecer a frequência com que algumas práticas inadequadas ocorrem na praxe, na experiência de quem é praxado e de quem praxa, designado por Questionário de Práticas Inadequadas na Praxe Académica (QPIPA). O estudo tem adicionalmente como objetivos perceber se existe uma relação entre as práticas inadequadas na praxe e os níveis de autocontrolo, a prática de crimes e o consumo de substâncias. A amostra é constituída por 474 estudantes da Universidade do Minho, com idade média de 20.93 anos ( $DP = 2.14$ , amplitude = 18-30). Os resultados mostraram que o QPIPA tem boas qualidades psicométricas, nomeadamente em termos de validade e fidelidade. Mostraram também que existe uma correlação entre o baixo autocontrolo e a participação em praxes com conteúdo inadequado quer ao ser praxado, quer ao praxar, que pessoas que suprimem menos a agressividade praxam de forma mais inadequada e que o consumo de bebidas alcoólicas prediz significativamente o ato de praxar inadequadamente. Assim, seria importante replicar este estudo, objetivando perceber a existência destas práticas noutras universidades do país.

*Palavras-chave:* praxe académica; práticas inadequadas; autocontrolo; validação

## **The relationship between inappropriate practices in academic hazing and self-control**

### **Abstract**

Literature shows that academic hazing has been the target of inappropriate practices, such as abuse, humiliation, intimidation, among others. This study seeks to create and validate a questionnaire in order to know the frequency with which some inappropriate practices occur in hazing, in the experience of those who practice it and those who are subjected to it, called Questionnaire of Inadequate Practices in Academic Hazing (QPIPA). The study also aims to understand if there is a relationship between inappropriate practices in hazing and levels of self-control, crime, and substance use. The sample is composed by of 474 students from University of Minho, with a mean age of 20.93 years ( $SD = 2.14$ , range = 18-30). The results showed that the QPIPA has good psychometric qualities, namely in terms of validity and reliability. They also showed that there is a correlation between low self-control and participation in hazing with inadequate content, either when practicing or when subjected, that people who suppress less aggressiveness haze more inappropriately and that the consumption of alcoholic beverages significantly predicts the act of hazing inappropriately. Thus, it would be important to replicate this study, to understand the existence of these practices in other universities in the country.

*Keywords:* academic hazing; inappropriate practices; self-control; validation

## Índice

Introdução .....	8
Objetivos .....	10
Método .....	11
Participantes .....	11
Instrumentos .....	13
Procedimento .....	14
Análise de Dados .....	15
Resultados .....	16
Discussão .....	21
Conclusões .....	23
Referências .....	24
Anexo: Parecer da Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas .....	27

## Índice de Tabelas

Tabela 1 – Nacionalidade, Ano do Curso e Nível Socioeconómico em Função do Sexo .....	12
Tabela 2 – Pesos Fatoriais do Itens, Eigenvalue e Variância Explicada .....	17
Tabela 3 – Alfa de Cronbach, Média das Correlações Inter-Item e Amplitude das Correlações Item-total Corrigidas .....	18
Tabela 4 – Validade Convergente .....	18
Tabela 5 – Validade de Grupos Conhecidos .....	19
Tabela 6 – Modelos de Regressão para as Duas Dimensões do QPIPA e Subescalas da Coibição .....	19
Tabela 7 – Modelos de Regressão para as Duas Dimensões do QPIPA e Consumos .....	20
Tabela 8 – Modelos de Regressão para as Duas Dimensões do QPIPA e Prática de Crimes .....	21

## Introdução

As pessoas, tanto estudantes universitários como pessoas no geral, têm um desejo inato de pertencer a “alguma coisa” (Mikell, 2014). A entrada no Ensino Superior é considerada uma transição importante na vida de qualquer pessoa e, como tal, existe uma fase de integração. O primeiro ano do Ensino Superior é um período de adaptação a uma nova realidade que implica transformações psicológicas e sociais nos alunos (Yinan, 2017). De modo a adaptarem-se à nova realidade, alguns estudantes optam por participar numa atividade proporcionada por estudantes mais velhos (designados “doutores”), a praxe académica. No Dicionário infopédia da Língua Portuguesa (Porto Editora, consultado em 2021), encontramos praxe, especificamente praxe académica, definida como o “conjunto de normas, convenções e rituais que regem a interação social de algumas comunidades estudantis universitárias, baseando-se numa relação hierárquica em que os alunos mais antigos exercem poder sobre os mais recentes, e cujo fim último se supõe ser a receção e integração de caloiros”.

Das atividades da praxe fazem parte brincadeiras, treinos, exercícios e algumas práticas que são comuns em diversas Universidades portuguesas. A praxe académica, através de diversas atividades procura a receção e integração dos novos alunos, os designados caloiros, na universidade (Yinan, 2017). Ribeiro (2000), refere a praxe como um ritual de passagem que procura a aceitação e integração dos novos alunos em membros da comunidade académica. Contudo, tem vindo a ser marcada a existência de práticas pouco aceitáveis, que incluem abusos dos “doutores” sobre os caloiros (Ribeiro, 2000). Frias (2003), refere que a praxe contém brincadeiras por vezes violentas e comportamentos lúdicos e paródicos como troças, partidas e piadas. Vários autores mencionam também que estas tradições estudantis se referem às diversas humilhações mais ou menos ritualizadas que os “doutores” impõem nos caloiros, sujeitando os estudantes a representações públicas abusivas, degradantes e de humilhação (Ferreira et al., 2001; Frias, 2003; Ribeiro, 2000).

Portugal não é o único país onde estas práticas são comuns. Estas práticas são designadas como *novatadas* em Espanha, *bizutage* em França, *trote* no Brasil e *hazing* nos países anglo-saxónicos. Todas estas práticas são vistas como rituais de passagem ou rituais de iniciação aos quais os novos membros de diversos grupos (gangs, escolas, equipas desportivas, organizações militares) são sujeitos (Lopes & Sebastião, 2017). Segundo os mesmos autores, são também práticas determinadas por exercício de poder e por violência em graus variados. Em Portugal, a praxe segue um modelo militar no qual os alunos marcham, ficam em sentido, recebem ordens e são insultados, à semelhança dos treinos de soldados onde são objetivos importantes o sacrifício do indivíduo e a sua normalização perante o grupo (Fávero et al. 2018).

Num estudo, realizado por Caldeira et al. (2015), com dados da Universidade dos Açores e da Escola

## PRÁTICAS INADEQUADAS NA PRAXE ACADÉMICA E AUTOCONTROLO

Superior de Enfermagem de Portalegre, 10.7% dos estudantes inquiridos concordaram que as praxes continham alguma violência (relativamente ao seguinte item: “As praxes continham alguma violência”). No que diz respeito a outro item do mesmo estudo (“Eu fui agredido(a) por atos ou palavras”), 11% dos inquiridos concordam com a afirmação. Este estudo envolveu uma resposta aberta que pedia aos estudantes adjetivos para caracterizar as praxes, sendo que o adjetivo mais verbalizado foi “integradoras” por 35.3% dos inquiridos. O segundo adjetivo mais referido (32.8%) foi “divertidas” e o terceiro mais referido (3.8%) “desnecessárias”. Através dos adjetivos recolhidos, os autores consideraram que 57.4% dos inquiridos consideraram as praxes positivas, 25.1% tinham uma perceção negativa e 17.4% tinham uma opinião ambivalente relativamente à praxe.

Noutro estudo em Portugal, de Fávero et al. (2018), com o objetivo de estudar a violência na praxe académica, os autores empregaram o Questionário de Avaliação de Experiências na Praxe (QAVPA) considerando a dimensão do questionário referente a “experiências de violência em contexto de praxe”. A dimensão considerada do questionário alude a quatro tipos de violência: psicológica, física, verbal e sexual. No estudo, participaram 586 estudantes de universidades de todo o país, dos quais 47.3% relataram violência psicológica (salientando troça, controlo e intimidação), 63.5% relataram violência verbal (destacando gritos/berros e comentários depreciativos), 6.8% referiram violência física (nomeadamente, empurrões) e 41.7% mencionam ter sido forçados a comportamentos de natureza sexual (destacando dar as mãos ou abraços). Ainda, 39.8% dos estudantes inquiridos relataram ter tido pelo menos um tipo de comportamento violento com os caloiros enquanto “doutores”, 30.5% admitiram ter praticado atos considerados violência psicológica, 43.5% exerceram violência verbal, 20.8% mencionaram ter forçado os caloiros a abraçarem-se ou darem as mãos e 1.6% admitiram ter sido fisicamente violentos com os caloiros (sendo que, maioritariamente em forma de empurrão).

Tendo em conta os pontos positivos, por exemplo, o carácter socializante que permite integração em vários contextos e o suporte afetivo, desenvolvendo laços de amizade durante o tempo em que decorre a praxe (Queirós et al., 2005) mas, também, os pontos negativos, como agressões verbais e humilhações (Ferreira et al., 2005), pretende-se verificar que relação estes comportamentos têm com características da personalidade (i.e., autocontrolo) dos estudantes que participam na praxe académica.

Segundo Nuwer (1999), a praxe (*hazing*) pode ser criminal ou não criminal. Por um lado criminal, em que se refere a incidentes nos quais “um indivíduo ou indivíduos magoam, prejudicam, ou aterrorizam outro indivíduo através de ações proibidas por uma lei da praxe” ou, por outro lado, não criminal quando envolve ações que não são tão perigosas, mas ainda assim violam as leis estabelecidas pela organização ou instituição. Assim, algumas humilhações ocorridas na praxe podem ser consideradas crimes, ou atos adjacentes a crimes (comportamentos delinquentes), por isso, podemos aludir à teoria geral do crime, que

sugere algumas explicações para a ocorrência de determinados comportamentos.

A teoria geral do crime, de Gottfredson e Hirschi (1990), foi criada no contexto da teoria clássica da ação humana, que estipula que o comportamento é motivado pelos interesses próprios e reflete o desejo de garantir prazer e evitar a dor (Gibbs & Giever, 1995). Segundo Gottfredson e Hirschi (1990), as pessoas que cometem crimes e atos análogos não se preocupam com as consequências, a longo prazo, do seu comportamento. Segundo estes autores, as escolhas são limitadas pelo autocontrolo (combinado com a presença de oportunidade para o crime), sendo que, o baixo autocontrolo torna os indivíduos incapazes de resistir à gratificação imediata que os crimes proporcionam. Assim, pessoas que não têm autocontrolo são “impulsivas, insensíveis, físicas (em oposição a verbal), não verbais e correm riscos” (Gottfredson & Hirschi, 1990).

Para Tangney et al. (2004), o conceito de autocontrolo inclui “a capacidade de substituir ou alterar as respostas internas, bem como interromper tendências comportamentais indesejadas e abster-se de agir sobre elas”. Podemos complementar o conceito com a definição de Baumeister et al. (2007), que referem o autocontrolo como a capacidade de alterar as próprias respostas, para que correspondam a padrões como ideias, valores, morais e expectativas sociais, bem como apoiar a procura de objetivos a longo prazo.

O baixo autocontrolo tem sido frequentemente associado a problemas comportamentais e de controlo de impulsos, como ingestão excessiva de alimentos, abuso de álcool e drogas, uso de tabaco, crime e violência, gastos excessivos, comportamento sexual impulsivo e gravidez indesejada (ver, por exemplo, Baumeister et al., 2007; Gibbs e Giever, 1995; Gottfredson e Hirschi, 1990 e Tangney et al., 2004). Segundo Gottfredson e Hirschi (1990), o autocontrolo é estabelecido na primeira infância, os níveis permanecem estáveis ao longo da vida e são invariáveis no que diz respeito a raça/etnia, idade e género.

### **Objetivos**

Face ao anteriormente exposto, o presente estudo tem como principais objetivos (1) criar e validar o Questionário de Práticas Inadequadas na Praxe Académica (QPIPA), que pretende avaliar com que frequência ocorrem determinadas práticas inadequadas na praxe académica, (2) perceber se existe uma relação entre os níveis de autocontrolo dos indivíduos e práticas inadequadas na praxe, quer ao ser praxado, quer ao praxar, (3) perceber se o consumo de substâncias está relacionado com práticas inadequadas na praxe, e (4) perceber se a prática de crimes está relacionada com práticas inadequadas na praxe.

Para o primeiro objetivo colocaram-se as seguintes hipóteses, o QPIPA apresentará: (1) uma estrutura de dois fatores, (2) uma consistência interna adequada examinada através de alfa de Cronbach e (3) validade convergente e de grupos conhecidos adequadas. Para o segundo objetivo, tem-se como hipóteses que (1) existirá uma correlação entre o baixo autocontrolo e praxar de forma inadequada, (2)

existirá uma correlação entre o baixo autocontrolo e a participação em praxe com conteúdo inadequado, (3) as subescalas da escala de Coibição do *Weinberger Adjustment Inventory* predizem a existência de práticas inadequadas na praxe. Quanto ao terceiro objetivo, surge a seguinte hipótese, (1) o consumo de álcool e drogas prediz a participação em praxes com conteúdo inadequado e, por fim, referente ao quarto objetivo surge a hipótese (1) a participação em alguns crimes prediz a participação em praxes com conteúdo inadequado.

### **Método**

#### **Participantes**

A amostra é constituída por 474 participantes ( $M = 20.93$  anos;  $DP = 2.14$ , amplitude = 18-30), sendo 335 (70.7%) são do sexo feminino ( $M = 20.84$ ;  $DP = 2.16$ ; amplitude = 18-30) e 139 (29.3%) do sexo masculino ( $M = 21.13$ ;  $DP = 2.08$ ; amplitude = 18-28), estudantes da Universidade do Minho. Relativamente ao curso que frequentam, estão representadas todas as Escolas e Institutos da Universidade do Minho, sendo que a Escola de Engenharia é a mais representada (33.5%), seguida da Escola de Ciências (13.5%), Escola de Economia e Gestão (13.5%) e Escola de Psicologia (9.3%). A maioria dos participantes são de nacionalidade “Portuguesa” (99.4%), sendo os restantes de “Outra nacionalidade” (.6%). Na Tabela 1 apresenta-se a distribuição dos participantes por sexo, nacionalidade, ano do curso, e nível socioeconómico (NSE). Todos os 474 participantes frequentaram a praxe académica, 345 (72.8%) concluíram a praxe académica e apenas 246 (51.9%) praxaram.

**Tabela 1***Nacionalidade, Ano do Curso e Nível Socioeconómico em Função do Sexo*

	Sexo		
	Total	Masculino	Feminino
	<i>n</i> (%)	<i>n</i> (%)	<i>n</i> (%)
<b>Nacionalidade</b>			
Portuguesa	471 (99.4%)	137 (28.9%)	334 (70.5%)
Outra nacionalidade	3 (.6%)	2 (.4%)	1 (.2%)
<b>Total</b>	<b>474(100%)</b>	<b>139 (29.3%)</b>	<b>335 (70.7%)</b>
<b>Ano do Curso</b>			
1°	64 (13.5%)	12 (2.5%)	52 (11.0%)
2°	133 (28.1%)	46 (9.7%)	87 (18.4%)
3°	115 (24.3%)	33 (7.0%)	82 (17.3%)
4°	77 (16.2%)	25 (5.3%)	52 (11.0%)
5°	78 (16.5%)	22 (4.6%)	56 (11.8%)
6°	7 (1.5%)	1 (.2%)	6 (1.3%)
<b>Total</b>	<b>474 (100%)</b>	<b>139 (29.3%)</b>	<b>335 (70.7%)</b>
<b>Nível Socioeconómico</b>			
Baixo	186 (39.2%)	50 (10.5%)	136 (28.7%)
Médio	207 (43.7%)	66 (13.9%)	141 (29.7%)
Alto	81 (17.1%)	23 (29.3%)	58 (12.2%)
<b>Total</b>	<b>474 (100%)</b>	<b>139 (29.3%)</b>	<b>335 (70.7%)</b>

*Nota.* *n* = número de participantes

## **Instrumentos**

**Questionário de Dados Sociodemográficos.** Foi construído um questionário de dados sociodemográficos com o objetivo de recolher informações sobre variáveis como a idade, o sexo, a nacionalidade, o curso e o ano que frequentam, escolaridade dos pais e estado civil. O questionário incluiu também algumas questões relacionadas com a praxe: se frequentaram a praxe, se concluíram a praxe e se já praxaram. Por fim, incluiu algumas questões sobre consumos (álcool, tabaco e algumas drogas) e frequência de prática de atos contra a lei (como pequenos furtos em casa, não pagar bilhete de comboio, furtos superiores a 5 euros fora de casa, entre outros).

**Questionário de Práticas Inadequadas na Praxe Académica (QPIPA).** Para a criação do questionário foram recolhidas, através do email institucional, algumas informações da experiência dos estudantes sobre comportamentos que consideraram positivos e negativos na praxe e os itens foram baseados nessas informações. Assim, o questionário foi criado para medir a frequência de algumas práticas vividas na praxe. Este questionário teve como objetivo avaliar, por um lado, se os indivíduos ao praxar usam comportamentos inadequados: humilhações, fazer troça dos caloiros, forçar a ingestão de bebidas alcoólicas, uso de violência. Por outro lado, avaliar se os indivíduos consideram que foram submetidos aos mesmos comportamentos. Deste modo, o instrumento é composto por duas partes, com 10 itens cada: a primeira, Parte A, referente às situações em que foram praxados e a segunda, Parte B, referente às situações em que praxaram. O instrumento é respondido através de uma escala de *Likert* de 5 pontos que reflete a frequência desse acontecimento na sua experiência durante a praxe: (0) nunca, (1) raramente, (2) às vezes, (3) frequentemente, (4) sempre. A fiabilidade e consistência do instrumento serão apresentadas posteriormente, tendo em conta que foi realizada a sua validação psicométrica.

**Escala de Baixo Autocontrolo (LSCS; Grasmick et al., 1993).** Esta escala é composta por 23 itens divididos por seis subescalas: *impulsividade*, *tarefas simples*, *busca de risco*, *atividades físicas*, *auto centração* e *temperamento*. A subescala de *impulsividade* contém itens como “Frequentemente faço o que me dá prazer no momento presente, mesmo que isso tenha custos no futuro” ou “Preocupo-me mais com o que me acontece a curto prazo do que a longo prazo”. A subescala de *tarefas simples* é composta por itens como “Frequentemente tento evitar projetos que sei que serão difíceis”. Quanto à subescala *busca de risco* podemos observar itens como “A aventura e a excitação são mais importantes para mim que a segurança”. No que se refere a *atividades físicas*, a título de exemplo temos o item “Gosto mais de sair e fazer coisas do que ler ou pensar”. No que concerne à *auto centração* temos itens como “Se as coisas que eu faço incomodam as outras pessoas isso é problema delas”. Por último, a subescala *temperamento* é composta por itens como “Perco a calma rapidamente” ou “Quando estou realmente zangado é melhor que as outras pessoas se afastem de mim”. Este instrumento é respondido através de uma escala de quatro

pontos, de (1) discordo fortemente a (4) concordo fortemente. No presente estudo, onde foi usada a versão traduzida para a língua portuguesa por Pechorro et al. (2020), ao nível da consistência interna obteve-se um alfa de Cronbach de .86.

**Weinberger Adjustment Inventory** (WAI; Weinberger & Schwartz, 1990). Este instrumento, com 84 itens, é composto por três escalas: Mal-estar, Coibição e Defensividade. A escala de Mal-estar contém quatro subescalas: Ansiedade (com itens como “Preocupo-me demasiado com coisas que não são importantes”), Depressão (com itens como “Sinto-me sozinho”), Baixa autoestima (“Não gosto muito de mim próprio”, como exemplo de um item) e Baixo bem-estar (com itens como “Sinto-me muito feliz”, que é um item reversível). A escala de Coibição é composta pelas subescalas Supressão de agressão (com itens revertidos como “Se alguém me tentar magoar de certeza que me vou tentar vingar”), Controlo de impulsos (com itens como “Faço as coisas sem pensar bem antes”, também revertidos), Consideração pelos outros (por exemplo, “Preocupa-me que as coisas que eu quero fazer possam vir a causar problemas às outras pessoas”) e Responsabilidade (com itens revertidos como “Faço batota quando me parece que ninguém vai descobrir”). Por fim, a escala de Defensividade é composta apenas pela subescala Defensividade repressiva, que contém itens como “Fiz coisas erradas das quais me arrependi mais tarde” ou “Por vezes sou desagradável para as pessoas de quem não gosto”. O instrumento inclui também uma escala de Validade, com os itens “Estou a responder a estas questões de forma verdadeira”, “Toda a gente comete erros nem que seja de vez em quando” e “Nunca conheci pessoas mais jovens que eu”. Este inventário é respondido através de uma escala de Likert de 5 pontos de resposta: de Falso a Verdadeiro (Blagov et al., 2016). Ao nível da consistência interna, no presente estudo, obteve-se um alfa de Cronbach de .84.

### **Procedimentos**

O presente estudo foi realizado online e os participantes foram convidados a participar no estudo através do *email* institucional. Dando início ao preenchimento do questionário, era apresentado um Consentimento Informado, para dar a conhecer as condições do estudo, o que se pretendia, os riscos associados à participação e a informar que poderiam desistir da participação a qualquer momento sem qualquer prejuízo. Depois de tomar conhecimento das condições, os participantes que pretendiam participar prosseguiram para a página seguinte do questionário, selecionando que concordavam participar no estudo. Depois de obtido o consentimento, os participantes preencheram o *Questionário de Dados Sociodemográficos*, o *Questionário de Práticas na Praxe Académica*, a *Escala de Baixo Autocontrolo*, e o *Weinberger Adjustment Inventory*. Após a resposta aos quatro instrumentos, dava-se por terminada a participação.

Previamente, o projeto de investigação foi submetido à Subcomissão de Ética para Investigação em Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Minho com o objetivo de certificar que o estudo seguiria os padrões éticos, protegendo e garantindo a integridade, dignidade e honestidade durante toda a investigação.

A seleção dos participantes teve como base três critérios de inclusão: ser estudante da Universidade do Minho, ter entre 18 e 30 anos; ter frequentado a praxe académica. Neste sentido, foram excluídos 96 inqueridos, 15 por respostas com comentários inadequados ao estudo, 69 por não terem frequentado a praxe académica e 12 por ultrapassarem a faixa etária em estudo.

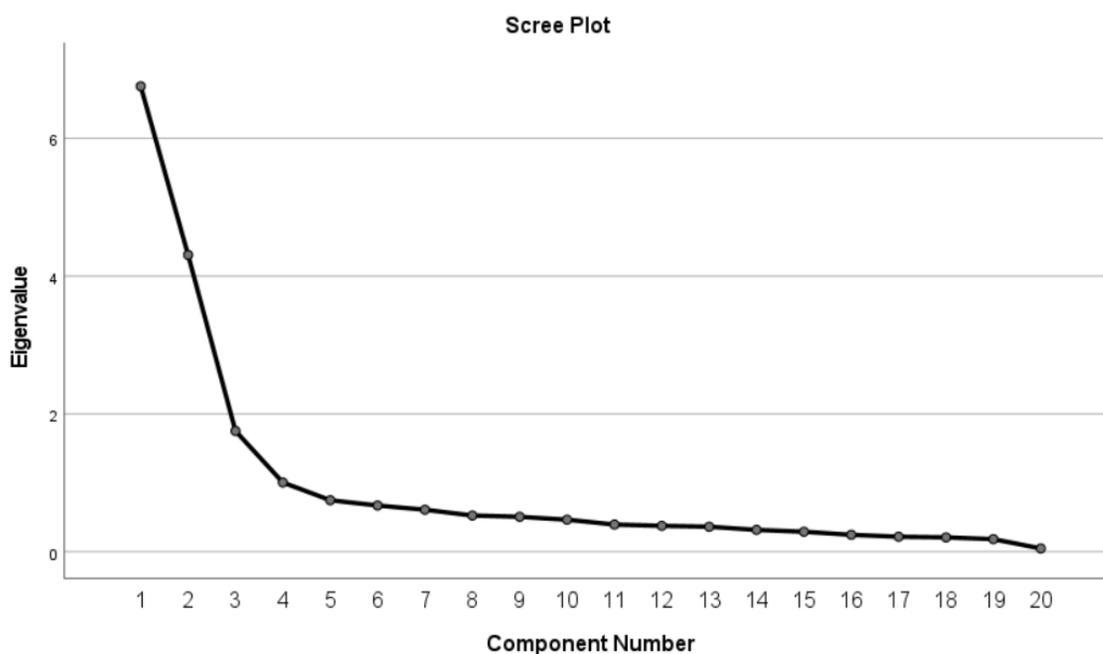
### **Análise de Dados**

Os dados recolhidos foram analisados com recurso ao software IBM SPSS, versão 27.0 (IBM SPSS, 2020). Para avaliar as propriedades psicométricas do instrumento em estudo realizou-se, primeiramente, a medida de adequação da amostra Kaiser-Mayer-Olkin (KMO) e o Teste de Esfericidade de Bartlett (BST). Procedeu-se a uma Análise Fatorial Exploratória (AFE) sobre a matriz de correlações, com extração de fatores pelo método das componentes principais (ACP), seguida de uma rotação Varimax. Os fatores comuns retidos foram aqueles que apresentavam um *eigenvalue* superior a 1, em consonância com o Scree plot e a percentagem de variância retida, uma vez que de acordo com Marôco (2018) a utilização de um único critério pode levar à retenção de mais ou menos fatores do que aqueles relevantes para descrever a estrutura latente. Para verificar fiabilidade das medidas calculou-se o Alfa de Cronbach, que foi considerado adequado acima de .70 (DeVellis, 2016). Calculou-se as correlações médias inter-item (MCII; consideradas boas dentro do intervalo de .15-.50), bem como a amplitude das correlações item-total corrigidas (ACITC; consideradas boas acima de .20) também para avaliar a fiabilidade da medida (Finch et al., 2016).

Para verificar as relações entre as variáveis realizou-se Correlações de *Pearson*, nas quais os valores são considerados moderados entre .25 e .50, fortes entre .50 e .75 e muito fortes se maiores que .75 (Marôco, 2018) e para verificar a validade de grupos conhecidos realizou-se um Teste U de Mann-Whitney. Além disso, realizou-se também Regressão Linear Múltipla para obter um modelo parcimonioso que permitisse prever as práticas inadequadas ao praxar em função das variáveis independentes (consumo de álcool e drogas e prática de crimes).

### Resultados

Iniciou-se pelo estudo da análise psicométrica do QPIPA e, antes de se efetuar a AFE foi avaliada a adequação dos dados à análise fatorial, com recurso ao KMO ( $KMO = .88$ ) e ao Teste de Esfericidade de Bartlett ( $\chi^2 = 7569.51$ ;  $p \leq .001$ ), pelo que se conclui que as variáveis estão correlacionadas significativamente. Pode observar-se na Tabela 2 as cargas fatoriais referentes aos dois fatores existentes. Os resultados obtidos sugerem a existência de um fator que explica 33.78% da variância total designado “Praxar” e outro que explica 21.54% da variância designado “Ser praxado”. Assim, os dois fatores são explicativos de 55% da variância.



**Tabela 2***Pesos Fatoriais dos Itens, Eigenvalue e Variância Explicada*

Item	Fator	
	1 Praxar	2 Ser praxado
A1 – Durante a praxe, fui castigado(a) porque alguém não cumpriu as regras da praxe.		.38
A2 – Durante a praxe, senti que a minha liberdade estava a ser desrespeitada.		.88
A3 – Durante a praxe, fui humilhado(a).		.87
A4 – Senti-me inútil, durante a praxe.		.87
A5 – Durante a praxe, fui forçado(a) a ingerir substâncias (i.e., álcool ou drogas).	.51	.45
A6 – Senti-me ansioso(a) por causa da praxe.		.78
A7 – Durante a praxe, senti que não tinha poder sobre as minhas decisões.		.83
A8 – Durante a praxe, senti-me intimidado(a).		.85
A9 – Durante a praxe, fui pressionado(a) a realizar atividades de carácter sexual.	.35	.48
A10 – Durante a praxe, fui alvo de violência física.	.44	.53
B1 – Enquanto praxava, castiguei alguém quando outros não cumpriram as regras da praxe.	.49	-.30
B2 – Enquanto praxava, desrespeitei a liberdade dos caloiros.	.72	
B3 – Enquanto praxava, humilhei os caloiros.	.74	
B4 – Enquanto praxava, fiz alguém sentir-se inútil.	.73	
B5 – Enquanto praxava, forcei alguém a ingerir substâncias (i.e., álcool ou drogas).	.84	
B6 – Causei ansiedade nos outros quando praxava.	.66	
B7 – Enquanto praxava, usei o meu poder sobre os outros.	.59	
B8 – Intimidei os caloiros, enquanto praxava.	.68	
B9 – Enquanto praxava, pressionei alguém a realizar atividades de carácter sexual.	.74	
B10 – Enquanto praxava, pratiquei violência física sobre alguém.	.84	
<i>Eigenvalue</i>	6.76	4.31
Variância explicada	33.78%	21.54%

*Nota.* Os valores dos fatores são apresentados apenas acima de .30.

## PRÁTICAS INADEQUADAS NA PRAXE ACADÉMICA E AUTOCONTROLO

Na Tabela 3 são apresentados os valores da consistência interna pelo alfa de Cronbach, tendo sido obtido, tanto na dimensão Ser praxado como na dimensão Praxar um alfa de .89. Podem ser observadas ainda, as médias das correlações inter-item (MCII) que revelaram valores adequados (de .15 a .50) e a amplitude das correlações item-total corrigidas (ACITC), onde foram obtidos valores adequados (acima de .30).

**Tabela 3**

*Alfa de Cronbach, Média das Correlações Inter-item e Amplitude das Correlações Item-total Corrigidas*

	Alfa de Cronbach	MCII	ACITC
Ser praxado	.89	.45	.38-.81
Praxar	.89	.45	.48-.65

*Nota.* Alfa= Alfa de Cronbach; MCII= Média das correlações inter-item; ACITC= Amplitude das correlações item-total corrigidas

Na Tabela 4 é apresentada a validade convergente que foi realizada com a Escala de Baixo Autocontrolo (LSCS), tendo-se verificado associações estatisticamente significativas na dimensão Ser praxado, na dimensão Praxar e também na amostra total.

**Tabela 4**

*Validade Convergente*

	Ser praxado	Praxar	Amostra total
LSCS	.24***	.13**	.26***

*Nota.* LSCS= Escala de Baixo Autocontrolo; \*\*p ≤ .01, \*\*\*p ≤ .001

Na Tabela 5 é apresentada a validade de grupos conhecidos obtida através da comparação entre os sexos, sendo que os resultados do Teste U de Mann-Whitney permitiram observar que na dimensão Ser praxado os dados não revelaram diferenças estatísticas significativas enquanto na dimensão Praxar existem diferenças estatisticamente significativas. Da análise descritiva foi possível observar diferentes médias das pontuações de ambos os sexos na dimensão Praxar, sendo que o sexo masculino pontua, em média, mais que o sexo feminino.

**Tabela 5***Validade de grupos conhecidos*

	Masculino	Feminino	<i>U (p)</i>
	M (DP)	M (DP)	
Ser praxado	7.66 (8.00)	7.96 (7.42)	32501.50 (.646)
Praxar	3.02 (5.27)	1.56 (2.57)	26488.50 (.001)

De modo a verificar se as subescalas (Supressão da Agressão, Controlo de Impulsos, Consideração pelos Outros e Responsabilidade) da escala de Coibição do *Weinberger Adjustment Inventory* (WAI) predizem a existência de práticas inadequadas na praxe, realizou-se uma regressão linear múltipla (ver tabela 6), que permitiu identificar a variável Supressão de Agressão como preditora da dimensão “Praxar” do QPIPA. O modelo é significativo, no entanto, explica muito pouca variabilidade ( $R_a^2 = .03$ ). No que diz respeito à dimensão “Ser praxado” verificou-se que esta é predita pela variável Responsabilidade, obtendo-se um valor estatisticamente significativo, sendo que este modelo também explica pouca variabilidade ( $R_a^2 = .03$ ).

**Tabela 6***Modelos de Regressão para as Duas Dimensões do QPIPA e Subescalas da Coibição*

Modelo I	Variáveis	$\beta$	<i>t</i>	<i>p</i>	IC 95%
Ser praxado	Supressão de Agressão	-.08	-1.29	.20	[-.29, .06]
	Controlo de Impulsos	.04	.55	.58	[-.11, .19]
	Consideração pelos Outros	.02	.38	.71	[-.10, .15]
	Responsabilidade	-.17	-2.52	.01	[-.43, -.05]
Modelo II					
Praxar	Supressão de Agressão	-.14	-2.39	.02	[-.18, -.02]
	Controlo de Impulsos	-.05	-.71	.48	[-.09, .04]
	Consideração pelos Outros	.04	.83	.41	[-.03, .08]
	Responsabilidade	-.05	-.78	.44	[-.12, .05]

## PRÁTICAS INADEQUADAS NA PRAXE ACADÊMICA E AUTOCONTROLO

Ainda, de modo a averiguar se o consumo de bebidas alcoólicas, o consumo de tabaco e o consumo de diversos tipos de drogas prediziam a existência de práticas inadequadas na praxe (ver tabela 7), verificou-se que existem valores altamente estatisticamente significativos na variável Consumo de Bebidas Alcoólicas para a dimensão “Ser praxado”, no entanto, também este modelo explica muito pouca variabilidade ( $R_a^2 = .02$ ) e, o Consumo de Bebidas Alcoólicas prediz a dimensão “Praxar”, apesar de o modelo explicar muito pouca variabilidade ( $R_a^2 = .01$ ).

**Tabela 7**

*Modelos de Regressão para as Duas Dimensões do QPIPA e Consumos*

Modelo III	Variáveis	$\beta$	$t$	$p$	IC 95%
Ser praxado	Consumo de Bebidas Alcoólicas	-.19	-3.47	.00	[-2.25, -.62]
	Consumo de Tabaco	.05	.85	.40	[-.38, .97]
	Consumo de Haxixe e Marijuana	.04	.65	.52	[-.66, 1.32]
	Consumo de Ecstasy, Cocaína ou Heroína	.01	.10	.92	[-2.77, 3.07]
<hr/>					
Modelo IV					
Praxar	Consumo de Bebidas Alcoólicas	.12	2.20	.03	[.02, .78]
	Consumo de Tabaco	-.01	-.15	.88	[-.33, .30]
	Consumo de Haxixe e Marijuana	.05	.86	.39	[-.25, .71]
	Consumo de Ecstasy, Cocaína ou Heroína	-.01	-.28	.78	[-.97, 2.30]

Da mesma forma, para investigar se a prática de crimes predizia a existência de práticas inadequadas na praxe (ver tabela 8), verificou-se que existem valores altamente estatisticamente significativos na variável Atos Contra a Lei em Casa, que prediz a dimensão “Ser praxado”, no entanto, também este modelo explica muito pouca variabilidade ( $R_a^2 = .02$ ). Por fim, não foi possível encontrar predições entre a prática de crimes e a dimensão Praxar ( $R_a^2 = -.00$ ).

**Tabela 8***Modelos de Regressão para as Duas Dimensões do QPIPA e Prática de Crimes*

Modelo V	Variáveis	$\beta$	$t$	$p$	IC 95%
Ser praxado	Atos Contra a Lei em Casa	.16	3.56	.00	[2.08, 7.20]
	Atos Contra a Lei Fora de Casa	.01	.27	.79	[-1.52, 2.01]
	Venda de Droga ou Furtos Superiores a 5 euros	.07	1.23	.22	[-.97, 4.24]
	Roubo de Carros, Casas ou Porte de Arma	-.02	-.34	.74	[-4.80, 3.97]
	Crimes Violentos Contra Pessoas	-.04	-.87	.39	[-8.29, 3.20]
<hr/>					
Modelo VI					
Praxar	Atos Contra a Lei em Casa	-.05	-1.10	.27	[-1.87, .53]
	Atos Contra a Lei Fora de Casa	.05	.89	.37	[-.45, 1.20]
	Venda de Droga ou Furtos Superiores a 5 euros	-.01	-.26	.79	[-1.38, 1.06]
	Roubo de Carros, Casas ou Porte de Arma	-.03	-.67	.50	[-2.57, 1.27]
	Crimes Violentos Contra Pessoas	-.03	-.63	.53	[-3.55, 1.83]

### Discussão

O presente estudo visou criar e validar o Questionário de Práticas Inadequadas na Praxe Académica (QPIPA), bem como investigar a existência de algumas relações entre o autocontrolo, o consumo de substâncias, a prática de crimes e as práticas inadequadas na praxe académica, reportadas através do QPIPA, para uma amostra de estudantes universitários portugueses.

A existência e manutenção da praxe académica deve-se ao que vários autores referem como sendo o carácter integrativo e de aceitação, a forma como permite a adaptação dos estudantes ao novo contexto, (Ribeiro, 2000; Yinan, 2017) bem como aos momentos de convívio que proporciona a quem se encontra longe de casa. No entanto, também tem vindo a ser frequente a existência e menção a práticas pouco aceitáveis, comportamentos inadequados e abusos por parte dos “doutores”. Assim, de forma a avaliar a ocorrência de comportamentos inaceitáveis como ser castigado injustamente, sentir a sua liberdade

condicionada, ser humilhado, entre outros, construiu-se o QPIPA com base na experiência de alguns estudantes que passaram pela praxe. Pretende-se deste modo, investigar as qualidades psicométricas do QPIPA.

Através da AFE foi possível comprovar a existência da estrutura bidimensional esperada, tendo em conta que o questionário contém duas dimensões. As saturações dos itens nos fatores correspondentes são todas acima de .38 e as correlações item-total corrigidas apresentam valores acima de .20 de acordo com os critérios recomendados (Finch et al., 2016). A consistência interna (fiabilidade) pelo alfa de Cronbach revela valores adequados para as duas dimensões do questionário, “Praxar” e “Ser praxado”, acima do valor recomendado de .70 (DeVellis, 2016). A validade convergente com a LSCS revela correlações positivas, não muito altas, mas estatisticamente significativas. Finalmente, em termos de validade de grupos conhecidos, não foram encontradas diferenças entre o sexo masculino e o sexo feminino na dimensão referente a ser praxado, mas foram encontradas diferenças entre os sexos na dimensão referente a praxar. Esta diferença parece estar associada, segundo as médias de resposta ao QPIPA, a uma forma de praxar inadequada mais acentuada por homens do que por mulheres, o que vai de encontro aos estudos de Campos et al. (2005), que relacionam o sexo masculino como mais perpetradores de praxes. Conclui-se assim, quanto ao primeiro objetivo do estudo, que se verificam todas as hipóteses propostas e, portanto, que o Questionário de Práticas Inadequadas na Praxe académica revela boas qualidades psicométricas. Apesar das boas qualidades psicométricas apresentadas, ao nível da AFE existe um item da dimensão Ser praxado (“Durante a praxe, fui forçado(a) a ingerir substâncias (i.e., álcool ou drogas)”) que satura mais no fator “Praxar” do que no fator “Ser praxado” ao qual devia pertencer. Tal, pode significar que seria importante rever este item, perceber a que se deve a sua inadequação e alterá-lo, de modo a não criar ambivalência na resposta que se pretende sobre este.

Ao verificar a validade convergente do estudo psicométrico do QPIPA, fica também acessível a perceção do que pretendíamos no que respeita ao segundo objetivo do estudo. Assim, para este objetivo, surgem hipóteses de que existe uma correlação entre o baixo autocontrolo e a participação em praxes com conteúdo inadequado quer ao ser praxado, quer ao praxar. Então, verifica-se que, apesar de a correlação existente ser fraca (Marôco, 2018), à medida que aumentam as práticas inadequadas sofridas na praxe aumenta também o baixo autocontrolo e à medida que aumentam as práticas inadequadas ao praxar aumenta também o baixo autocontrolo. Tal como vimos, as praxes por vezes são determinadas por exercício de poder (Lopes & Sebastião, 2017), o qual é acompanhado de humilhações e que, aparentemente está relacionado com o autocontrolo, visto que pessoas com baixo autocontrolo são impulsivas, correm riscos e nem sempre são capazes de resistir à gratificação imediata (Gottfredson & Hirschi, 1990) que o crime, neste caso a frequência de uma praxe com práticas inadequadas, proporciona. Ainda referente a este objetivo,

têm-se a hipótese de que as subescalas de Coibição do WAI predizem a existência de práticas inadequadas e, ao que nos foi possível apurar, a subescala Supressão de Agressão prediz o ato de praxar inadequadamente, ou seja, resultados apontam que pessoas que suprimem menos os comportamentos agressivos, praxam de forma mais inadequada. Verifica-se ainda, que a subescala Responsabilidade também prediz significativamente a participação enquanto caloiro na praxe académica. No entanto, esta subescala prediz negativamente a frequência da praxe com conteúdo inadequado, o que nos mostra que quanto menos responsabilidade as pessoas reportam, mais elas reportam serem praxadas inadequadamente.

Os objetivos finais do estudo pretendem perceber se o consumo de algum tipo de substâncias e/ou a prática de algum tipo de crimes estão relacionados às práticas inadequadas na praxe que temos vindo a referir. Podemos observar que o Consumo de Bebidas Alcoólicas e a prática de pequenos Atos Contra a Lei em Casa (tais como, por exemplo, furtar pequenas quantias em casa ou furtar coisas de valor inferior a 5 euros em casa) predizem o ato de se deixar ser praxado inadequadamente. No entanto, o Consumo de Bebidas Alcoólicas prediz estes atos negativamente, o que significa que a diminuição ou pouca frequência deste consumo prediz um aumento dos comportamentos inadequados enquanto se é praxado. Ainda, e como se esperava, o Consumo de Bebidas Alcoólicas prediz significativamente o ato de praxar inadequadamente, tendo em conta que o álcool tem vindo a ser ligado a ambientes de diversão levando a ingestão de quantidades elevadas em curtos espaços de tempo com o objetivo de facilitar a desinibição social (Anderson & Baumberg, 2006). Apesar disto, é de salientar, enquanto limitação ao que foi feito neste estudo, que os modelos de regressão apresentados, apesar de conterem dados estatisticamente significativos, apresentam muito pouca explicação da variabilidade, pelo que, seria importante realizar análises estatísticas mais refinadas ou complexas, de modo a confirmar os dados obtidos através destes modelos.

### **Conclusões**

Este estudo pretende providenciar mais informação sobre o estudo dos comportamentos que decorrem na praxe, tendo em conta que há diversos estudos sobre os pontos positivos e negativos da temática, mas poucos estudos direcionados para a frequência destes comportamentos segundo a experiências dos estudantes. Assim, pretende-se que o questionário aqui formulado possa servir de suporte para as universidades ou mesmo para as Comissões de Praxe, para que possam analisar a opinião dos seus envolventes sobre a sua experiência pessoal na praxe académica.

As estatísticas permitiram perceber que cerca de 27% dos inquiridos, não concluíram a praxe académica, apesar de a terem frequentado e, tendo em conta que o presente estudo não abordou essa questão, estudos posteriores poderiam abordar o motivo de saída da praxe através de entrevista ou de uma questão aberta, pois o motivo de desistência pode revelar ser um fator importante para o entendimento do

fenómeno da praxe. Similarmente, tendo em conta que foram encontrados resultados que apontam para uma forma mais inadequada de praxar associada ao sexo masculino, poderia ser pertinente, futuramente, estudar a existência de algum tipo de relação entre estas práticas inadequadas que têm vindo a ser observadas e a violência de género.

Mais se aponta, que poderia ser apropriado, em estudos futuros, comparar as diferenças das práticas que ocorrem na praxe dos diversos cursos dentro da mesma universidade para perceber se existem diferenças e ainda, estudar também se existe uma relação entre a forma como os indivíduos foram praxados e os comportamentos que refletem na forma como, depois, praxam. Por fim, tendo em conta que este estudo foi realizado apenas com estudantes da Universidade do Minho, poderia ser também marcante aplicar o QPIPA a estudantes de outras universidades do país, de modo a perceber se os resultados obtidos são apenas generalizáveis aos diversos cursos da Universidade do Minho ou também às restantes Universidades e populações estudantis académicas do país.

### Referências

- Anderson, P., & Baumberg, B. (2006). alcohol in Europe. *London: Institute of alcohol studies, 2*, 73-75.
- Baumeister, R. F., Vohs, K. D., & Tice D. M. (2007). The strength model of self-control. *Current Directions in Psychological Science, 16*, 351–355. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8721.2007.00534.x>
- Blagov, P. S., Patrick, C. J., Oost, K. M., Goodman, J. A., & Pugh, A. T. (2016). Triarchic psychopathy measure: Validity in relation to normal-range traits, personality pathology, and psychological adjustment. *Journal of Personality Disorders, 30*(1), 71-81. <http://dx.doi.org/10.1521/pedi.2015.29.182>
- Caldeira, S. N., Silva, O., Sousa, Á., D Martins, M. J., Mendes, M., & Botelho, S. P. (2015). Estudantes do ensino superior, praxe académica e satisfação com a vida. *Configurações. Revista de sociologia, 16*(1), 97-112. <https://doi.org/10.4000/configuracoes.2865>
- Campo, S., Poulos, G., & Sipple, J. W. (2005). Prevalence and profiling: Hazing among college students and points of intervention. *American journal of health behavior, 29*(2), 137-149. <https://doi.org/10.5993/AJHB.29.2.5>
- DeVellis, R. F. (2016). *Scale development: Theory and applications* (Vol. 26). Sage publications.
- Fávero, M., Pinto, S., Ferreira, F., Machado, F., & Del Campo, A. (2018). Hazing violence: practices of domination and coercion in hazing in Portugal. *Journal of interpersonal violence, 33*(11), 1830-1851. <https://doi.org/10.1177/0886260515619748>
- Ferreira, J. A., Almeida, L. S., & Soares, A. P. (2001). Adaptação académica em estudante do 1º ano:

- diferenças de género, situação de estudante e curso. *Psico-USF*, 6 (1), 1-10.  
<https://doi.org/10.1590/S1413-82712001000100002>
- Ferreira, J., Rodrigues, M. J., Vaz, A. L., Motta, E., Pinto, C., Bernardino, O., & Pereira, A. (2005). A lei da colher de pau: a percepção da praxe académica pelos estudantes da universidade de coimbra. In *Acção social e aconselhamento psicológico no ensino superior: investigação e intervenção – actas do congresso nacional*, 105-113. Coimbra: Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra.
- Finch, H., French, B. F., & Immekus, J. C. (2016). *Applied psychometrics using SPSS and AMOS*. IAP.
- Frias, A. (2003). Praxe académica e culturas universitárias em Coimbra. Lógicas das tradições e dinâmicas identitárias. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (66), 81-116. <https://doi.org/10.4000/rccs.1147>
- Gibbs, J. J., & Giever, D. (1995). Self-control and its manifestations among university students: An empirical test of Gottfredson and Hirschi's general theory. *Justice Quarterly*, 12(2), 231-255.  
<https://doi.org/10.1080/07418829500092661>
- Gottfredson, M.R. & T. Hirschi (1990) *A General Theory of Crime*. Stanford: Stanford University Press.
- Grasmick, H. G., Tittle, C. R., Bursik Jr, R. J., & Arneklev, B. J. (1993). Testing the core empirical implications of Gottfredson and Hirschi's general theory of crime. *Journal of research in crime and delinquency*, 30(1), 5-29. <https://doi.org/10.1177/0022427893030001002>
- Lopes, J. T., & Sebastião, J. (2017). *A praxe como fenómeno social-relatório final. Direcção-Geral do Ensino Superior (DGES)*.
- Marôco, J. (2018). *Análise Estatística com o SPSS Statistics.: 7ª edição*. ReportNumber, Lda.
- Mikell, T. (2014). *Getting away with murder: hazing, hegemonic masculinity, and victimization*. Tese de mestrado em Arts in Criminology and Criminal Justice. Universidade da Carolina do Sul, USA. Disponível em: <http://scholarcommons.sc.edu/etd/2853>
- Nuwer, H. (1999). *Wrongs of passage*. Indiana University Press.
- Queirós, P., Neves, M., Loureiro, C., Reis, R., Silva, P., & Areias, C. (2005). *A Praxe na nossa Escola: As palavras dos Estudantes*. In *Actas do Congresso Nacional* (pp. 395-402).
- Porto Editora – *praxe* no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2021-06-01 11:26:09]. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/praxe>
- Ribeiro, R. (2000), *As Lições dos Aprendiz. As Praxes Académicas na Universidade do Minho*, Braga, Universidade do Minho, tese de mestrado, disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/286>
- Tangney, J., Baumeister, R., & Boone, A. (2004). High self-control predicts good adjustment, less pathology,

## PRÁTICAS INADEQUADAS NA PRAXE ACADÉMICA E AUTOCONTROLO

better grades, and interpersonal success. *Journal of Personality*, 72, 271-324.  
<https://doi:10.1111/j.0022-3506.2004.00263.x>

Weinberger, D. A., & Schwartz, G. E. (1990). Distress and restraint as superordinate dimensions of self-reported adjustment: A typological perspective. *Journal of personality*, 58(2), 381-417.  
<https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1990.tb00235.x>

Yinan, L. (2017). *Tradições estudantis universitárias: instrução militar versus praxe académica* (Doctoral dissertation, Universidade do Minho).

**Anexo: Parecer da Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas**



Universidade do Minho

Conselho de Ética

**Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas**

Identificação do documento: CEICSH 004/2021

Relatores: Emanuel Pedro Viana Barbas Albuquerque e Marlene Alexandra Veloso Matos

Título do projeto: *A relação entre o autocontrolo e as práticas inadequadas na praxe académica.*

Equipa de Investigação: Andreia Patrícia Oliveira Freitas, estudante do Mestrado Integrado em Psicologia, Escola de Psicologia, Universidade do Minho; Doutor Pedro Pechorro (orientador), Centro de Investigação em Psicologia, Escola de Psicologia, Universidade do Minho; Professor Doutor Rui João Abrunhosa Carvalho Gonçalves (coorientador), Escola de Psicologia, Universidade do Minho

**PARECER**

A Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) analisou o processo relativo ao projeto de investigação acima identificado, intitulado *A relação entre o autocontrolo e as práticas inadequadas na praxe académica.*

Os documentos apresentados revelam que o projeto obedece aos requisitos exigidos para as boas práticas na investigação com humanos, em conformidade com as normas nacionais e internacionais que regulam a investigação em Ciências Sociais e Humanas.

Face ao exposto, a Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) nada tem a opor à realização do projeto nos termos apresentados no Formulário de Identificação e Caracterização do Projeto, que se anexa, emitindo o seu parecer favorável, que foi aprovado por unanimidade pelos seus membros.

Braga, 4 de fevereiro de 2021.

O Presidente da CEICSH

(Acílio Estanqueiro Rocha)